

PREÂMBULO

Em *A Ilha do Medo* apresentei pela primeira vez a personagem de John Corey, da Polícia de Nova Iorque. Essa deveria ter sido uma aparição única do detetive Corey, mas ele obteve uma reação positiva tão esmagadora, que decidi trazê-lo de volta – ou fui convencido a isso – no meu romance seguinte, *O Jogo do Leão*, depois em *Quando a Noite Cai* e, mais recentemente, em *Wild Fire*. Reconheço uma coisa boa quando a vejo, tal como, obviamente, os meus leitores.

Nunca quis usar uma personagem contínua nos meus romances, apesar de ter iniciado a minha carreira de escritor dessa forma, com um detetive de homicídios que apareceu numa série de livros de bolso que escrevi mais pelo gozo do que pelo proveito.

Quando fui promovido às capas duras, abandonei alegremente esta ideia de uma personagem contínua, mas agora retornei às minhas raízes com o John Corey.

Quando o criei, em 1997, havia uma moda nova que invadia o país, chamada «politicamente correto», e as pessoas, incluindo os escritores, evitavam acanhadamente os velhos estereótipos do polícia durão, do tipo que contava anedotas sexistas ou raciais, que praguejava, bebia álcool e fumava.

Por isso, para contrariar, decidi criar uma personagem nada politicamente correta e com alguns problemas sérios com o mundo dos sentimentos e da sensibilidade. A única adaptação de Corey ao mundo moderno é o facto de ele não fumar, tal como vocês também não o devem fazer.

Não tinha a certeza de que me iria conseguir safar ao colocar um tipo destes como herói. Imaginei os meus editores a terem ataques, os meus leitores a abandonarem-me aos magotes e a imprensa a retratar-me como um homem a precisar de ir para um campo de reeducação.

Mas, recordando os meus direitos, conferidos pela Primeira Emenda, de falar e de escrever livremente, deixei-me ir. E diverti-me a escrever *A Ilha do Medo*.

Primeiro, os meus editores da Warner, que leram o manuscrito, acharam que era ótimo. Ainda bem. A seguir, graças aos meus leitores, *A Ilha do Medo* tornou-se um enorme sucesso de vendas. Espantosamente, as críticas ao livro também foram ótimas. Houve, no entanto, alguns críticos que odiaram completamente a personagem de John Corey, mas os críticos não compram livros – recebem-nos de graça. Os clientes das livrarias é que os compram. E estavam a comprar *A Ilha do Medo*.

Duvidava francamente de que o John Corey sobrevivesse a um único livro e estava preparado para passar para outras personagens. De facto, encontrava-me já a escrever uma outra obra na altura em que *A Ilha do Medo* se tornou um sucesso de vendas. A seguir, as cartas dos fãs começaram a chegar em catadupa e eu liguei ao John Corey e perguntei-lhe se queria voltar ao serviço.

Apesar de o Corey ser um homem viril e um bocadinho machista, as minhas leitoras também o adoraram. Não pretendo sugerir que até recebi cartas dos membros da Organização Nacional das Mulheres, mas várias das leitoras que me escreveram cartas amáveis identificavam-se como feministas.

A Ilha do Medo começa então com John Corey, um homem que é um sacrista adorável, um fulano que diz o que lhe passa pela cabeça, que dá conta do recado e que é tão esperto como duro e tão complexo como simples.

Uma outra razão para as senhoras gostarem dos livros do Corey é, penso eu, o facto de sempre ter introduzido personagens femininas fortes que conseguem lidar com ele. Ele não vê estas mulheres como castradoras ou ameaçadoras. Ele vê-as como desafios, tal como nós o vemos como um desafio. E, evidentemente, John Corey está sempre à altura da ocasião.

Por isso, se gostarem deste tipo de personagens, vão gostar deste livro. Se não, sabê-lo-ão ao fim do primeiro capítulo.

O enredo e o fio condutor de *A Ilha do Medo* têm uma origem interessante. Não posso estar aqui a adiantar demasiado antes de o livro começar, mas direi que *A Ilha do Medo* é, na verdade, a fusão de duas ideias de enredo que eu pesquisei durante bastante tempo e que combinei numa única história.

A primeira ideia dizia respeito à própria Plum Island – instalações reais de pesquisa animal do Governo federal que em tempos tinham sido, e que podem ser ainda, um laboratório de armas biológicas. Como nativo de Long Island, este sítio sempre me intrigou, não só por estar assinalado nos mapas como «Restrito», como por causa dos rumores locais e das lendas.

Por exemplo, muitos nativos chamam a Plum Island a «Ilha do Antraz» e especulam que muitas das doenças que assolam o mundo são estudadas aqui, foram criadas aqui ou escaparam daqui. As agências imobiliárias locais não promovem estes rumores, como podem imaginar, mas estes constituem uma boa parte dos boatos regionais.

Um outro estranho rumor a respeito de Plum Island é o de que os alienígenas de Roswell estão escondidos aqui. Bem, eu pude visitar Plum Island com autorização do Governo e com um guia e posso dizer francamente que não vi os alienígenas de Roswell – nem *outro* alienígena qualquer, já agora. E os cientistas pareceram-me todos bastante normais, à exceção de um fulano verde que conseguia levitar. Estou a brincar.

Quanto ao segundo enredo, que misturei com o mistério de Plum Island, tem também que ver com uma lenda de Long Island, que na verdade é mais um facto histórico do que uma lenda. Mas falar disso aqui seria estragar a surpresa.

Espero que gostem do detetive John Corey e das outras personagens deste romance e que apreciem também o cenário das vinhas de Long Island, as instalações de pesquisa secreta do Governo em Plum Island e as lendas e a história deste local único.

Três conseguem guardar um segredo, se dois deles estiverem mortos.

Benjamin Franklin, *Poor Richard's Almanac* (1735)

OCEANO

LONG ISLAND, NOVA IORQUE

CAPÍTULO 1

Através dos meus binóculos, conseguia ver aquele belo iate com mais de doze metros ancorado a algumas centenas de metros da costa. Havia dois casais de trinta e tal anos a bordo, a passarem um bom bocado, a tomarem banhos de sol e a emborcarem cervejas e outras bebidas. As mulheres estavam com biquínis minúsculos, sem a parte de cima, e um dos fulanos, que estava à proa, tirou os calções e ficou ali parado durante um minuto, com o badalo pendurado, antes de saltar para a baía e nadar à volta do barco. Que grande país. Pousei os binóculos e abri uma Budweiser.

Estávamos no fim do verão, o que não quer dizer fins de agosto, mas sim de setembro, antes do equinócio de outono. O fim de semana do Dia do Trabalho¹ já tinha passado e aproximávamo-nos do verão indiano – seja lá o que isso for.

Quanto a mim, John Corey de nome e bófia em convalescença de profissão, estava sentado no alpendre das traseiras da casa do meu tio, enterrado numa cadeira de vime com pensamentos pouco profundos a passarem-me pela cabeça. Ocorreu-me que o problema de não fazermos nada é não sabermos quando é que acabámos.

O alpendre é daqueles que contornam o edifício, à moda antiga, envolvendo três dos lados de uma casa vitoriana do fim do século XIX, toda em lousas e arrebiques, torreões, águas furtadas e essa coisa toda. Do sítio onde eu estava, tinha uma vista para sul, para a encosta de relva verdejante, até à grande baía de Peconic. O sol estava baixo sobre o horizonte a oeste, que era onde ele devia estar às seis e quarenta e cinco da tarde. Eu sou um rapaz da cidade, mas estava a começar a interessar-me pelas coisas da província, pelo

¹ Feriado norte-americano celebrado no primeiro fim de semana de setembro.

céu e isso tudo, e até já conseguira encontrar finalmente a Ursa Maior há algumas semanas.

Eu estava com uma *t-shirt* branca e lisa e com uns calções de ganga que me tinham ficado justos antes de ter perdido peso a mais. Os meus pés descalços estavam apoiados no corrimão e os dedos grandes de cada pé emoluravam o já mencionado iate.

Por esta hora costumamos começar a ouvir os grilos, os gafanhotos e sabe-se lá que mais, mas eu não sou grande fã dos barulhos da Natureza, por isso tinha um leitor de cassetes ao meu lado, na mesa de apoio, com a banda sonora d'*Os Amigos de Alex* a tocar. Tinha a *Bud* na mão esquerda, os binóculos no meu colo e, no chão, junto à mão direita, a minha arma de quando não estou ao serviço, um revólver Smith & Wesson de calibre 38 e um cano de cinco centímetros que cabe lindamente na minha malinha. Estou a brincar.

Algures nos dois segundos de silêncio entre *When a Man Loves a Woman* e *Dancing in the Street*, consegui ouvir ou sentir, nas velhas tábuas rangentes do alpendre, que alguém se vinha a aproximar. Como vivo sozinho e não estava à espera de ninguém, peguei na 38 e pousei-a no meu colo. Para vocês não pensarem que sou um tipo paranoico, devo mencionar que a minha convalescença não era de uma papeira, mas sim de três feridas de bala, duas de 9 mm e uma de Magnum calibre 44. Mas não é o tamanho dos buracos que tem importância; tal como no imobiliário, o que importa é a localização dos buracos. E é óbvio que estes estavam nos lugares certos, porque eu estava a convalescer, não a apodrecer.

Olhei para a minha direita, para onde o alpendre dava a volta para o lado oeste da casa. Um homem apareceu à esquina e parou a uns quatro metros de mim, a observar as longas sombras lançadas pelo sol já baixo. De facto, o homem projetava também uma sombra comprida, que passava por cima de mim, por isso parecia não me ver. Mas, com o sol nas suas costas, também me era difícil ver a cara dele ou perceber as suas intenções.

– Posso ajudá-lo? – perguntei eu.

Ele virou a cabeça para o meu lado.

– Oh... Ei, John. Não o tinha visto aí.

– Sente-se, chefe – meti o meu revólver no cós dos calções, por baixo da *t-shirt*, e baixei o volume de *Dancing in the Street*.

Sylvester Maxwell, também conhecido por Max, que é o agente da autoridade aqui por estas bandas, aproximou-se devagar e apoiou o traseiro sobre o corrimão, virado para mim. Estava com um casaco azul, uma camisa branca, calças de algodão beges e sapatos de vela, sem meias. Não consegui perceber se ele estava de serviço ou não.

– Há refrescos aí nessa geleira.

– Obrigado – meteu lá a mão e tirou uma Budweiser do gelo. O Max gosta de chamar refresco à cerveja.

Bebericou durante um bocado, a contemplar um ponto no espaço a cerca de meio metro do seu nariz. Dirigi novamente a minha atenção para a baía, a ouvir *Too Many Fish in the Sea* – The Marvettes. Era segunda-feira, por isso os veraneantes de fim de semana já se tinham ido embora, graças a Deus, e, como eu disse, já passara o Dia do Trabalho, a altura em que termina a maioria dos alugueres das casas de férias e podemos sentir a solidão a instalar-se novamente. O Max é um rapaz cá da terra e não vai logo direito ao assunto, por isso temos de esperar.

– Esta casa é sua? – acabou por me perguntar.

– É do meu tio. Ele quer que eu lha compre.

– Não compre nada. A minha filosofia é: se voa, se navega ou se fode, aluga-se.

– Obrigado pelo conselho.

– Vai ficar por aqui por uns tempos?

– Até o vento deixar de assobiar através do meu peito.

Ele sorriu, mas a seguir voltou a ficar contemplativo. O Max é um tipo grande, por volta da minha idade, que é como quem diz uns 45 anos, com o cabelo louro e ondulado, a tez corada e os olhos azuis. As mulheres parecem achá-lo bem-parecido, o que convém ao chefe Maxwell, que é solteiro e hétero.

– Então como é que se sente? – perguntou ele.

– Nada mal.

– Apetece-lhe fazer um bocadinho de exercício mental?

Não respondi. Já conheço o Max há uns dez anos, mas como não vivo nesta zona só o vejo de vez em quando. Nesta altura devo referir que sou um detetive de homicídios de Nova Iorque, que trabalhava em Manhattan North até ser abatido. Isso foi no dia 12 de abril. Nenhum detetive de homicídios era abatido em Nova Iorque há coisa de duas décadas, por isso fiz grandes manchetes. O Gabinete de Imprensa da Polícia de Nova Iorque deixou a notícia correr, porque estávamos outra vez na altura de renovar os contratos e, sendo eu tão simpático, bem-parecido e por aí fora, exploraram um bocadinho a coisa, os *media* cooperaram e lá andámos nós em bolandas. Entretanto, os dois criminosos que me alvejaram continuam à solta. Passei um mês no Columbia Presbyterian, seguiram-se algumas semanas no meu apartamento, em Manhattan, e depois o tio Harry sugeriu que a sua casa de férias seria um lugar adequado para um herói. E porque não? Instalei-me aqui no fim de maio, logo a seguir ao Memorial Day.²

² Feriado de homenagem aos soldados mortos em combate, na última segunda-feira de maio.

– Acho que você conhecia o Tom e a Judy Gordon – disse o Max.

Olhei para ele e trocámos um olhar. Compreendi.

– Os dois? – perguntei.

– Os dois – assentiu. Passado um momento de silêncio respeitoso, declarou: – Gostava que desse uma olhadela à cena do crime.

– Porquê?

– Porque não? Como um favor pessoal. Antes de toda a gente ir lá meter o bedelho. Estou mal abastecido de detetives de homicídios.

Na verdade, o Departamento de Polícia de Southold Town não tem detetives de homicídios, o que normalmente também não faz falta, porque muito pouca gente é despachada por aqui. Quando alguém é despachado, a Polícia Distrital de Suffolk manda uma equipa dos Homicídios para tomar conta do caso e o Max afasta-se para o lado. Mas isso não lhe agrada.

Já agora, um bocadinho da história deste sítio: estamos no North Fork de long Island, no estado de Nova Iorque, município de Southold, fundado, de acordo com uma placa na autoestrada, em mil, seiscentos e quarenta e qualquer coisa por algumas pessoas de New Haven, no Connecticut, que, tanto quanto se sabe, estavam a fugir ao rei. No South Fork de Long Island, que é do outro lado da baía de Peconic, ficam os Hamptons chiques: com escritores, artistas, atores, fulanos da publicidade e outros cagões diversos. Aqui, no North Fork, a população é de agricultores, pescadores e coisas do género. E talvez de um assassino.

Adiante. A casa do tio Harry encontra-se especificamente na vila de Matituck, que fica a cerca de cento e sessenta quilómetros da West 102nd Street, onde dois cavalheiros de aspeto hispânico dispararam uns catorze ou quinze tiros sobre este vosso amigo, conseguindo acertar três vezes num alvo em movimento a uns seis ou nove metros. Não foi um feito impressionante, mas eu não estou a criticar nem a queixar-me.

Enfim, o município de Southold abarca a maior parte do North Folk e inclui oito vilas e uma aldeia, chamada Greenport, com uma força policial de uns quarenta agentes, chefiada pelo Sylvester Maxwell.

– Não faz mal dar uma olhadela – disse o Max.

– Claro que faz. E se eu for convocado para testemunhar aqui numa altura inconveniente? Não me pagam para isso.

– Na verdade, liguei para o supervisor municipal e recebi uma autorização para o contratar oficialmente como consultor. Cem dólares por um dia.

– Uau. Parece ser o tipo de serviço em que eu tenho de recorrer às poupanças.

O Max permitiu-se esboçar um sorriso.

– Ei, já dá para a gasolina e para o telefone. De qualquer maneira, você não está a fazer nada.

– Estou a tentar que o buraco no meu pulmão direito se feche.

– Isto não vai ser cansativo.

– Como é que sabe?

– É a sua oportunidade de ser um bom cidadão de Southold.

– Eu sou de Nova Iorque. Não é suposto ser um bom cidadão daqui.

– Ei, você conhecia bem os Gordons? Eram seus amigos?

– Mais ou menos.

– Então? Aí tem o seu motivo. Venha, John. Levante-se. Vamos. Vou ficar a dever-lhe um favor. Safo-o de uma multa.

Na verdade, eu estava entediado e os Gordons eram boa gente... Levantei-me e pousei a minha cerveja.

– Aceito o trabalho por um dólar à semana, para tornar a coisa oficial.

– Ótimo. Não se vai arrepender.

– Claro que vou – desliguei a *Jeremiah was a Bullfrog* e perguntei ao Max: – Há muito sangue?

– Um bocado. Feridas na cabeça.

– Acha que vou precisar das minhas chinelas?

– Bem... há miolos e bocados de crânio que saltaram pela nuca...

– OK – enfiei as chinelas e o Max e eu demos a volta ao alpendre, até à rotunda de acesso à frente da casa. Meti-me num veículo não identificado, um jipe Cherokee branco com um rádio roufenho da polícia.

Percorremos o longo caminho de acesso, coberto com cerca de um século de conchas de ostra e de amêijoas, porque o tio Harry – e toda a gente antes dele – atirava as conchas para a alameda, juntamente com as cinzas do fogão a carvão, para evitar a lama e a poeira. Enfim, isto era aquilo a que se chamava uma quinta costeira, e continua a fazer fronteira com a baía, mas a maior parte do terreno foi vendida. A paisagem tem algum mato e a flora é quase toda do tipo de coisas que já não se usam muito, como a forsítia, o salgueiro-gato e as sebes de alfena. A casa está pintada de creme, com debruns e telhados verdes. É tudo muito bonito, na verdade, e talvez eu a compre se os médicos da polícia me disserem que estou arrumado. Devia começar a treinar para cuspir sangue.

Quanto à questão da minha invalidez, estou a apostar bastante em três quartos, com direito a uma pensão vitalícia livre de impostos. Para a Polícia de Nova Iorque, isto é o equivalente a ir a Atlantic City, tropeçar num rasgão da alcatifa do Trump's Castle e bater com a cabeça numa máquina de jogo mesmo à frente de um advogado de indemnizações. *Jackpot!*

– Ouviu o que eu disse?

– O quê?

– Eu disse que eles foram encontrados por um vizinho às seis menos um quarto...

– Já estou oficialmente contratado?

– Claro. Foram ambos alvejados na cabeça uma única vez e o vizinho encontrou-os caídos no terraço da casa deles...

– Eu vou ver isso tudo, Max. Fale-me do vizinho.

– De acordo. O nome dele é Edgar Murphy, um senhor de idade. Ouviu o barco dos Gordons a chegar por volta das cinco e meia e cerca de um quarto de hora mais tarde foi até lá e encontrou-os assassinados. Não ouviu nenhum tiro.

– Usa aparelho auditivo?

– Não. Eu perguntei-lhe. A mulher dele também ouve bem, de acordo com o Edgar. Por isso talvez houvesse um silenciador. Ou talvez eles estejam mais surdos do que julgam.

– Mas eles ouviram o barco. O Edgar tem a certeza da hora?

– Sim. Ligou-nos às cinco e cinquenta e um, por isso foi muito aproximado.

– Certo – olhei para o meu relógio. Eram sete e dez. O Max deveria ter tido a brilhante ideia de me vir buscar pouco depois de ter chegado ao local do crime. Calculei que os fulanos dos Homicídios de Suffolk County já lá estivessem a esta hora. Teriam vindo de uma pequena povoação chamada Yaphank, onde fica a sede da polícia distrital, a cerca de uma hora de carro do sítio onde viviam os Gordons.

O Max continuava a falar disto e daquilo e eu tentei engrenar a minha mente, mas já tinham passado quase cinco meses desde que eu precisara de pensar em coisas como esta. Estava tentado a exclamar «só os factos, Max!», mas deixei-o ir falando. Além disso, a *Jeremiah was a Bullfrog* continuava a tocar na minha cabeça, e é bastante irritante, como devem saber, quando não conseguimos tirar uma música da ideia. Especialmente aquela.

Olhei lá para fora, pela janela lateral aberta. Íamos pela estrada principal este-oeste, com o nome apropriado de Estrada Principal, em direção a um sítio chamado Nassau Point, onde vivem os Gordons – ou viviam. O North Fork é mais ou menos como Cape Cod, uma ponta de terra batida pelo vento, rodeada de água por três lados e coberta de história.

A população permanente é um pouco escassa, de cerca de vinte mil indivíduos, mas há muitos que vêm no verão e aos fins de semana e as novas adegas vinícolas atraíram turistas diários. Abram uma adega e caem-lhes lá dez mil *yuppies* pegajosos, bebedores de vinho, vindos do centro urbano mais próximo. Nunca falha.

Enfim, virámos para sul, para Nassau Point, que é uma língua de terra com três quilómetros de comprimento, em forma de cutelo, cravada na grande baía de Peconic. Da minha doca até à doca dos Gordons são uns seis quilómetros e meio.

Nassau Point tem sido um local de veraneio desde os anos 20, e as casas vão dos simples *bungalows* até às grandes propriedades. Albert Einstein passava cá o verão e foi aqui, em mil novecentos e trinta e tal, que escreveu a sua famosa *Carta de Nassau Point* a Roosevelt, a incentivar o presidente a avançar com a bomba atómica. O resto, como se costuma dizer, é história.

Curiosamente, Nassau Point continua a ser o lar de uma série de cientistas; alguns trabalham no Laboratório Nacional de Brookhaven, uma coisa nuclear e secreta qualquer, a uns cinquenta e cinco quilómetros daqui, e outros trabalham em Plum Island, um local de pesquisa biológica tão secreto e assustador, que tem de estar instalado numa ilha. Plum Island fica cerca de três quilómetros ao largo da ponta do Orient Point, que é o último bocado de terra em North Folk – em frente fica a Europa.

Ora, por acaso o Tom e a Judy Gordon eram biólogos e trabalhavam em Plum Island – e podem apostar que tanto o Sylvester Maxwell como o John Corey estavam a fazer associações.

– Ligou para os federais? – perguntei ao Max.

Ele abanou a cabeça.

– Porque não?

– Homicídio não é um crime federal.

– Você sabe do que é que eu estou a falar, Max.

O chefe Maxwell não deu resposta.

CAPÍTULO 2

Aproximámo-nos da casa dos Gordons, instalada numa estrada curta na costa oeste do cabo. A casa era um rancho dos anos 60 que tinha sido transformado numa habitação contemporânea dos anos 90. Os Gordons, que tinham vindo algures do Midwest e que ainda não estavam muito seguros na sua carreira, tinham alugado a casa com opção de compra, como uma vez me tinham dito. Acho que eu, se trabalhasse com o tipo de coisas com que eles trabalhavam, também não faria planos a longo prazo. Caramba, eu nem sequer compraria bananas verdes.

Virei a minha atenção para o cenário que se desenrolava do lado de fora do jipe. Na estradinha simpática e arborizada havia pequenos grupos de vizinhos e de miúdos de bicicleta parados por ali, sob as sombras arroxeadas, a conversarem e a olharem para a casa dos Gordons. Uma carrinha dos serviços forenses bloqueava o acesso. É de boa política não entrar de carro nem estacionar no local de um crime para não destruir indícios. Fiquei encorajado ao ver que a pequena equipa da polícia rural do Max até aqui estava à altura da situação.

Ali na rua estavam também duas carrinhas da televisão, uma de uma estação noticiosa de Long Island e a outra da NBC.

Reparei também numa série de jornalistas a entrevistar os vizinhos, brandindo microfones à frente de quem abrisse a boca. Ainda não era exatamente um circo mediático, mas era nisso que se iria tornar quando o resto dos tubarões das notícias soubesse da ligação a Plum Island.

A fita amarela a delimitar o local do crime estava enrolada de árvore em árvore, a interditar a casa e o terreno. O Max parou atrás da carrinha dos forenses e saímos os dois. Alguns *flashes* dispararam e a seguir acenderam-se uma data de luzes de câmaras de filmar. Estávamos a ser gravados para os

noticiários das onze horas. Esperei que o departamento que trata das reformas por invalidez não estivesse a ver, já para não falar nos criminosos que me tinham tentado abater e que agora ficariam a saber onde é que eu estava.

Um agente uniformizado estava no acesso com um bloco na mão – o encarregado de fazer anotações sobre o local do crime – e o Max deu-lhe o meu nome, o meu título e por aí fora, por isso fiquei oficialmente registado e sujeito a convocatórias do Ministério Público e dos eventuais advogados de defesa. Era exatamente isso que eu não queria, mas calhei estar em casa quando o destino me bateu à porta.

Subimos pelo acesso de gravilha e atravessámos um portão em arco que dava para o pátio, quase todo em terraços de madeira em vários níveis, que desciam em patamares da casa até à baía e terminavam na doca comprida onde o barco dos Gordons estava amarrado. Estava uma tarde muito bonita e desejei que o Tom e a Judy ainda estivessem vivos para a ver.

Observei o contingente habitual de pessoal do laboratório forense, mais três polícias fardados de Southold e uma mulher com um fato bege de saia e casaco, demasiado formal, uma blusa branca e sapatos práticos. Primeiro pensei que ela pudesse ser da família, chamada para identificar os corpos, mas a seguir vi que tinha um bloco de notas e uma caneta e que parecia estar a trabalhar.

No belo terraço de cedro prateado, o Tom e a Judy estavam caídos lado a lado, de barriga para cima, com os pés virados para a casa e a cabeça para a baía, com os braços e as pernas afastados, como se estivessem a desenhar anjos na neve. Um fotógrafo da polícia estava a tirar fotografias aos cadáveres. O *flash* iluminava o terraço e dava um aspeto estranho aos corpos, fazendo-os parecer um tanto espectrais por uma fração de segundo, tipo *A Noite dos Mortos Vivos*.

Fiquei a olhar para os corpos. O Tom e a Judy andavam pelos trinta e tal anos, estavam em muito boa forma e até na morte eram um casal particularmente bem-parecido – aliás, eles tinham tão bom aspeto, que por vezes os tomavam por celebridades quando iam jantar a locais mais na moda.

Estavam ambos vestidos com calças de ganga, sapatos de ténis e camisolas polo. A do Tom era preta e tinha um logótipo qualquer de material náutico à frente. A da Judy era mais chique, em verde tropa, com um pequeno veleiro amarelo sobre o seio esquerdo.

Calculei que o Max não deveria ver muita gente assassinada ao longo do ano, mas provavelmente veria bastantes mortes naturais, suicídios, acidentes de automóvel e coisas do género, por isso não iria ficar agoniado. Estava com um ar sombrio, preocupado, pensativo e profissional, mas continuava a olhar

para os corpos como se não conseguisse acreditar que estavam duas pessoas assassinadas caídas naquele belo terraço.

Aqui o vosso amigo, por outro lado, trabalhando numa cidade que conta com cerca de mil e quinhentos assassinatos por ano, estava habituado à morte. Não vejo todos os mil e quinhentos cadáveres, mas vejo os suficientes para já não ficar surpreendido, agoniado, chocado ou entristecido. No entanto, quando se trata de alguém que conhecíamos e de quem gostávamos, é diferente.

Atravessei o terraço e parei ao pé do Tom Gordon. Tinha um buraco de bala na cana do nariz. A Judy tinha um furo de lado, na têmpora esquerda.

Assumindo que só havia um atirador, o Tom, sendo um fulano robusto, provavelmente teria sido alvejado primeiro, com um único tiro na cabeça; a seguir, a Judy, virando-se para o marido com incredulidade, apanhara a segunda bala na têmpora. As duas balas teriam provavelmente atravessado o crânio dos dois e caído na baía. Azar para a balística.

Nunca estive no local de um homicídio que não tivesse um odor incrivelmente mau caso as vítimas já estivessem mortas há algum tempo. Se houvesse sangue, sentir-lhe-ia sempre o cheiro, e, se uma cavidade corporal tivesse sido perfurada, havia normalmente um odor característico a entranhas. Estas são coisas que eu gostaria de não voltar a cheirar; da última vez que senti o cheiro do sangue, era o meu. Enfim, o facto de este assassinato ter sido ao ar livre sempre ajudava.

Olhei ao redor e não consegui ver nenhum sítio ali perto onde o atirador se pudesse ter escondido. As portas de correr, em vidro, estavam abertas e talvez o atirador tivesse disparado do interior, mas isso teria sido a uns seis metros dos cadáveres. A essa distância, pouca gente conseguiria dar um tiro certo numa cabeça com uma pistola. Eu era a prova viva de que, a seis metros, tentamos primeiro alvejar o corpo e a seguir aproximamo-nos e rematamos com uma bala na cabeça. Por isso, havia duas possibilidades: o atirador estava a usar uma espingarda, não uma pistola, ou então o atirador pudera aproximar-se deles sem lhes causar nenhum alarme. Alguém com um aspeto normal, não ameaçador, talvez até alguém que eles conhecessem. Os Gordons tinham saído do seu barco e subido ao terraço, e a dada altura terão visto aquela pessoa e continuado a andar na sua direção. Essa pessoa levantara uma pistola a menos de metro e meio e despachara os dois.

Olhei para o chão e vi várias etiquetas coloridas espetadas nas tábuas de cedro, aqui e além.

– O vermelho é para o sangue?

O Max assentiu.

– O branco é para osso e o cinzento é...

– Já percebi – ainda bem que eu calcei as chinelas.

– Os ferimentos de saída são grandes; toda a parte de trás do crânio desapareceu – informou ele. – E, como pode ver, as feridas de entrada são largas. Calculo que fosse um calibre 45. Ainda não encontramos as balas. Provavelmente caíram na baía.

Não respondi.

O Max fez um gesto para as portas de correr em vidro.

– A porta de correr foi forçada e a casa foi saqueada. Não há nenhuma peça grande em falta; a televisão, o computador, o leitor de CD e isso tudo continuam lá. Mas podem faltar joias e coisas pequenas.

Fiquei um momento a pensar nisto. Os Gordons, como a maioria dos crânios com um salário do Governo, não possuíam muitas joias, obras de arte ou coisas do género. Um drogado teria agarrado nos aparelhos caros e dado à sola.

– Isto é o que eu penso: – prosseguiu o Max – Um gatuno ou vários estavam a assaltar a casa, viram os Gordons a aproximar-se pela porta de vidro, vieram ao terraço, atiraram e fugiram – olhou para mim. – Certo?

– Se você o diz.

– É o que eu digo.

– Compreendido – soava melhor do que Cientistas de Armas Biológicas Ultra Secretas Assassinados e Casa Saqueada.

O Max aproximou-se de mim e disse baixinho:

– O que é que acha, John?

– Cem dólares à hora, não era?

– Vá lá, homem, não engonhe. Podemos ter na mão um duplo assassinato com implicações mundiais.

– Mas acabou de dizer que podia ser um simples caso de proprietário-chega-ao-local-e-leva-chumbo.

– Pois, mas acontece que os proprietários são... lá o que quer que eles eram – olhou para mim e disse: – Faça-me a reconstituição.

– OK. Podemos perceber que o criminoso não disparou do interior daquela porta de correr. Ele estava mesmo à frente deles. A porta que vocês encontraram aberta estava fechada na altura, para que os Gordons não vissem nada de estranho quando se aproximassem da casa. O atirador possivelmente estaria aqui sentado, numa destas cadeiras, e pode ter chegado de barco, uma vez que não iria estacionar o carro à frente da porta, onde toda a gente o pudesse ver. Ou talvez alguém o tenha deixado aqui. Em todo o caso, os Gordons já o conheceriam ou não teriam motivos para desconfiar da presença dele no seu terraço das traseiras. Pode ter sido uma mulher, simpática e com bom aspeto, que se dirigiu a eles, e os Gordons aproximaram-se dela. Podem

ter trocado uma palavra ou duas, mas logo a seguir o assassino sacou de uma pistola e deu cabo deles.

O chefe Maxwell assentiu.

– Se o perpetrador queria alguma coisa que estava lá dentro, não era joalheria nem dinheiro, eram papéis. Coisas dos micróbios, está a ver? Ele não matou os Gordons por eles o terem surpreendido; ele matou-os porque os queria mortos. Estava *à espera* deles. Mas isto já você sabia.

Ele assentiu.

– No entanto, já vi muitos assaltos desastrados e que deram para o torto, em que o dono da casa acabou morto e o assaltante não levou nada – continuei. – Quando é coisa de drogados, nada faz sentido.

O chefe Maxwell esfregou o queixo enquanto contemplava a hipótese de se tratar de um janado com uma arma, por um lado, de um assassino frio, pelo outro, e de tudo o resto que se pudesse encaixar no meio.

Enquanto isto, abaixei-me ao lado dos corpos, perto da Judy. Os seus olhos estavam abertos, na verdade arregalados, e ela parecia surpreendida. Os olhos do Tom também estavam abertos, mas ele parecia mais tranquilo do que a mulher. As moscas tinham encontrado o sangue à volta das feridas e fiquei tentado a enxotá-las, mas não serviria de nada.

Examinei os corpos mais de perto, sem tocar em nada que deixasse passado o pessoal dos forenses. Observei o cabelo, as unhas, a pele, a roupa, os sapatos e por aí fora. Quando acabei, passei a mão pelo rosto da Judy e levantei-me.

– Há quanto tempo é que os conhecia? – perguntou-me o Maxwell.

– Mais ou menos desde junho.

– Já tinha estado nesta casa?

– Já. E agora vai fazer-me mais uma pergunta.

– Bem... tenho de perguntar... Onde é que você estava por volta das cinco e meia da tarde?

– Estava com a sua namorada.

Ele sorriu, mas não tinha achado piada.

– E *você*, conhecia-os bem? – perguntei ao Max.

O chefe hesitou um momento antes de responder:

– Só socialmente. A minha namorada arrasta-me para provas de vinhos e merdas assim.

– Ah sim? E como é que sabia que eu os conhecia?

– Eles comentaram que tinham conhecido um polícia de Nova Iorque que estava em convalescença. Eu disse que sabia quem era.

– O mundo é pequeno – comentei.

Ele não me deu resposta.

Passei a vista pelo pátio. A casa ficava a leste, e a sul havia uma fila densa de sebes altas. Do outro lado das sebes estava a casa do Edgar Murphy, o vizinho que encontrara os corpos. A norte havia uma área de pântano que se estendia por algumas centenas de metros até à casa seguinte, que mal se via. A oeste, o terraço descia em três níveis até à baía, onde a doca se projetava por uns trinta metros até águas mais profundas. Na ponta da doca estava o barco dos Gordons, uma lancha a motor esguia e branca em fibra de vidro – um Formula 3 qualquer coisa, com uns nove metros de comprimento. Chamava-se *Spirochete*, que, como sabemos pelas aulas básicas de biologia, é o micróbio chato que causa a sífilis. Os Gordons tinham sentido de humor.

– O Edgar Murphy declarou que os Gordons por vezes usavam o próprio barco para ir para o emprego – disse o Max. – Apanhavam o *ferry* do Governo no inverno ou quando o tempo estava mau.

Assenti. Eu já sabia disso.

– Vou ligar para Plum Island e ver se consigo descobrir a que horas é que eles saíram – continuou ele. – O mar está calmo, a maré está a encher e o vento vem de leste, por isso eles conseguiriam fazer o melhor tempo de Plum até aqui.

– Não sou marinheiro.

– Sim, mas eu sou. Podem ter levado apenas uma hora a chegar aqui, mas normalmente a viagem demora uma hora e meia, duas no máximo. Os Murphys ouviram o barco dos Gordons a chegar por volta das cinco e meia; por isso, se conseguirmos saber a hora a que eles saíram de Plum, saberemos com mais certeza se *foi* o seu barco que os Murphys ouviram às cinco e meia.

– Certo.

Olhei para o terraço ao redor. Tinha a mobília de pátio habitual – mesa, cadeiras, bar de exterior, chapéus de sol e coisas assim. Pequenos arbustos e plantas cresciam em recortes no terraço, mas basicamente não havia nenhum sítio onde um indivíduo se pudesse esconder para emboscar duas pessoas ali fora.

– Em que é que está a pensar? – perguntou o Max.

– Bem, estou a pensar neste belo terraço americano. Grande, com madeira que dispensa manutenção, em patamares, ajardinado e isso tudo. Nada parecido com o meu alpendre estreito, à moda antiga, que está sempre a precisar de pintura. Se eu comprasse a casa do meu tio, podia construir um terraço como este até à baía. Mas assim não teria tanta relva.

O Max deixou passar uns momentos e perguntou:

– É *misso* que está a pensar?

– É. Em que é que *você* está a pensar?

– Eu estou a pensar num duplo assassinato.

– Ótimo. Diga-me que mais é que ficou a saber aqui.

– OK. Apalpei os motores... – indicou o barco com o polegar. – Ainda estavam mornos quando cheguei, tal como os corpos.

Assenti. O sol começava a afundar-se na baía e o dia estava a ficar nitidamente mais escuro e mais fresco. Começava a sentir frio, só de *t-shirt* e calções, sem roupa de baixo.

Setembro é verdadeiramente um mês privilegiado ao longo da costa atlântica, das Outer Banks até Newfoundland. Os dias são amenos, as noites agradáveis para dormir; é o verão sem o calor e a humidade, o outono sem as chuvas frias. As aves estivais ainda não partiram e os primeiros pássaros migratórios do norte estão a fazer uma pausa a caminho do sul. Suponho que, se saísse de Manhattan e viesse para aqui, deixar-me-ia envolver nesta coisa da Natureza, dos barcos, da pesca e disso tudo.

– E mais uma coisa – estava o Max a dizer. – A boça está presa ao poste só com uma volta de fiel.

– Bem, isso é uma grande descoberta para o caso. O que raio é uma boça?

– A *corda*. A corda do barco não está amarrada aos cunhos da doca. A corda só é atada aos postes, aos postes grandes que estão dentro de água, se for por pouco tempo. Deduzo que eles pretenderiam voltar a sair de barco pouco depois.

– Boa observação.

– Pois. E então, alguma ideia?

– Nada.

– Alguma observação sua?

– Acho que você me ganha nas observações, chefe.

– Teorias, ideias, palpites? Alguma coisa?

– Nada.

O chefe Maxwell parecia querer acrescentar mais alguma coisa, como «está despedido», mas só disse:

– Tenho de fazer um telefonema – e entrou em casa.

Olhei novamente para os corpos. A mulher com o fato bege estava agora a desenhar o contorno da Judy com giz. O procedimento normal em Nova Iorque é ser o agente da investigação a fazer o contorno e calculei que aqui fosse igual. A ideia é que o detetive que vai seguir o caso até à sua conclusão, e que vai trabalhar com o Ministério Público, deve saber o mais possível sobre ele. Concluí, portanto, que a senhora de bege era uma detetive de homicídios e que era ela a agente destacada para investigar este caso. E concluí ainda que iria ter de trabalhar com ela se eu decidisse de facto ajudar o Max.

O local de um crime é um dos sítios mais interessantes do Mundo se soubermos de que é que estamos à procura e o que é que estamos a ver. Veja-se

o exemplo do Tom e da Judy, que veem microbiozinhos ao microscópio e conseguem dizer-nos o nome deles, o que é que eles estão a tramar naquele momento, o que é que eles são capazes de fazer à pessoa que os está a observar e por aí fora. Mas, se fosse eu a olhar para os micróbios, veria apenas umas coisinhas a retorcerem-se. Não tenho a vista nem a mente treinadas para micróbios.

No entanto, quando olho para um cadáver e para o cenário à volta dele, vejo coisas que a maioria das pessoas não vê. O Max tocou nos motores e nos corpos e notou que estavam mornos, reparou na forma como o barco estava amarrado e registou uma dúzia de outros pequenos detalhes que o cidadão comum não notaria. Mas o Max não é um detetive e trabalha apenas num patamar mais acima. Para resolver um assassinato como este, é preciso trabalhar a um nível bastante mais alto. Ele estava ciente disso, e tinha sido por esse motivo que me chamara.

Por acaso eu conhecia as vítimas, o que, para o detetive de homicídios encarregado do caso, é uma grande vantagem. Eu sabia, por exemplo, que os Gordons normalmente usavam calções, *t-shirts* e sapatos de vela no barco, quando iam para Plum Island. No trabalho, mudavam de roupa e vestiam as suas batas de laboratório, os fatos à prova de toxinas ou lá o que fosse. Além disso, o Tom nem parecia o mesmo com aquela *t-shirt* preta e a Judy, por aquilo de que eu me lembrava, era mais dada a tons pastel. O meu palpite era que eles se teriam vestido assim para se camuflarem e que os sapatos de ténis seriam para poderem correr. No entanto, talvez eu estivesse a inventar pistas. É preciso cuidado para não cair nesse erro.

E depois havia a terra vermelha nas solas dos sapatos de ténis. De onde é que teria vindo? Não era do laboratório e provavelmente não seria do ancoradouro de Plum Island, nem do barco deles, nem desta doca, nem deste terraço. Aparentemente, os Gordons hoje teriam estado noutra sítio qualquer, não estavam vestidos como de costume, e era evidente que o dia também tinha terminado de maneira diferente. Estava a passar-se aqui mais alguma coisa e eu não fazia ideia do que era, mas havia decididamente mais alguma coisa.

Contudo, *continuava* a ser possível que eles apenas tivessem esbarrado com um assaltante. Quer dizer, isto podia não ter nada que ver com o trabalho deles. A questão era que o Max ficara alarmado com essa possibilidade e me tinha contaminado também, com perdão do trocadilho. E antes da meia-noite este local iria ser visitado pelo FBI, pelo pessoal dos Serviços Secretos e pela CIA. A menos que o Max conseguisse apanhar um drogado assaltante antes disso.

– Desculpe...

Virei-me para a voz. Era a senhora com o fato bege.

– Está desculpada – disse eu.

– Desculpe, o senhor tem autorização para estar aqui?

– Eu estou aqui em serviço.

– É agente da polícia?

Era óbvio que a minha *t-shirt* e os meus calções não transmitiam uma imagem de autoridade.

– Vim com o chefe Maxwell – acrescentei.

– Eu vi. Mas foi registado quando chegou?

– Porque é que não vai verificar? – dei meia-volta e desci para o patamar seguinte do terraço, evitando as etiquetas coloridas. Encaminhei-me para a doca e ela foi atrás de mim.

– Eu sou a detetive Penrose, dos Homicídios de Suffolk County, e estou encarregada desta investigação.

– Parabéns.

– E a menos que o senhor esteja aqui em serviço oficial...

– Vai ter de falar com o chefe sobre isso – desci para o cais e fui até ao sítio onde o barco dos Gordons estava amarrado. A brisa era forte no pontão comprido e o sol já se tinha posto. Não via nenhum veleiro na baía naquele momento, mas alguns barcos a motor passavam com as luzes ligadas. Uma lua a três quartos levantara-se a sudeste e brilhava por cima da água.

A maré estava cheia e o barco, de nove metros, estava quase ao nível do cais. Saltei para o convés.

– O que está a fazer? Não pode fazer isso!

Ela era muito bonita, claro; se fosse feia, eu teria sido muito mais simpático. Como já disse, estava vestida de maneira austera, mas o corpo por baixo da roupa era uma sinfonia de curvas, uma melodia de carnes a quererem libertar-se. Na verdade, ela parecia estar a fazer contrabando de balões. A segunda coisa na qual eu reparara era que ela não usava aliança. Preenchendo o resto da ficha: idade, trinta e poucos; cabelo, médio e acobreado; olhos, azuis esverdeados; pele, clara, de quem não apanhou muito sol nesta altura do ano, com maquilhagem leve; lábios carnudos; sem marcas nem cicatrizes visíveis; sem brincos; sem verniz nas unhas; com uma expressão furiosa.

– Você *ouviu* o que eu disse?

Também tinha uma voz bonita, apesar do tom atual. Suspeitei de que, por causa da cara bonita, do corpo fantástico e da voz suave, a detetive Penrose tivesse dificuldades em ser levada a sério e, por isso, tentava compensar esse facto com uma indumentária durona. Provavelmente teria comprado um livro chamado *Vestir-se para Rebentar Tomates*.

– Você ouviu o que eu disse?

– Eu *ouvi-a*. E você, *ouviu-me*? Eu disse para falar com o chefe.

– *Eu* é que estou encarregada desde caso. Em casos de homicídio, a polícia distrital...

– OK, já vamos os dois falar com o chefe. É só um momento.

Dei uma olhadela rápida ao barco, mas naquela altura já estava escuro e eu não conseguia ver grande coisa. Tentei encontrar uma lanterna.

– Devia pôr aqui um agente durante a noite – sugeri à detetive Penrose.

– Obrigada pelo conselho. Agora saia do barco, por favor.

– Por acaso tem uma lanterna?

– Fora do barco. Já.

– OK – pus o pé em cima da borda e, para minha surpresa, ela estendeu-me a mão, que eu agarrei. Tinha a pele fria. Puxou-me para o cais e, ao mesmo tempo, rápida como um gato, enfiou a mão direita por baixo da minha *t-shirt* e tirou-me o revólver do cós dos calções. Uau.

Recuou com a minha arma na mão.

– Fique onde está.

– Sim, minha senhora.

– Quem é você?

– Detetive John Corey, do Departamento de Homicídios da Polícia de Nova Iorque, minha senhora.

– O que é que está a fazer aqui?

– O mesmo que você.

– Não, eu sou a encarregada deste caso. Você não.

– Sim, minha senhora.

– Tem algum estatuto oficial aqui?

– Sim, minha senhora. Fui contratado como consultor.

– *Consultor*? Num caso de homicídio? Nunca ouvi tal coisa.

– Eu também não.

– Quem é que o contratou?

– O município.

– Que idiotice.

– Certo – ela parecia indecisa quanto àquilo que deveria fazer a seguir, por isso, para ajudar, sugeri: – Quer que eu me dispa, para me revistar?

Pareceu-me ver um sorriso a passar-lhe pelos lábios à luz do luar. O meu coração condoía-se por ela; ou então era o buraco no meu pulmão a manifestar-se.

– Como é que disse que se chamava?

– John Corey.

Ela puxou pela memória.

– Oh... você é o fulano que...

– Sou eu. O tal sortudo.

Ela pareceu amansar. Deu uma reviravolta à minha 38 e devolveu-ma, com o cabo virado para mim. Voltou-me as costas e afastou-se.

Fui atrás dela ao longo do cais e subi os três níveis do terraço até à casa, onde as luzes exteriores iluminavam a área à volta das portas de vidro e as borboletas noturnas esvoaçavam ao redor dos candeeiros.

O Max estava a falar com um dos tipos dos serviços forenses. A seguir virou-se para mim e para a detetive Penrose e perguntou:

– Vocês já se conhecem?

– Porque é que este homem foi envolvido no caso? – perguntou ela.

– Porque eu quero envolvê-lo – respondeu o chefe Maxwell.

– Essa decisão não lhe compete, chefe.

– A si também não.

Continuavam a atirar a bola de um lado para o outro e já me estavam a cansar o pescoço, por isso declarei:

– Ela tem razão, chefe. Vou pôr-me a andar. Arranje-me uma boleia para casa – virei-me e fui andando para o portão. A seguir, com um bocadinho de teatro, voltei-me novamente para o Maxwell e para a Penrose e disse: – Já agora, alguém levou a arca de alumínio que estava à proa do barco?

– Que arca? – perguntou o Max.

– Os Gordons tinham uma grande arca de alumínio, onde metiam tralhas várias, e por vezes usavam-na como caixa térmica para guardarem a cerveja e o isco.

– E onde é que ela está?

– É isso que eu estou a perguntar.

– Vou procurá-la.

– Boa ideia – virei-me, atravessei o portão e saí para o relvado da frente, sem me aproximar dos carros da polícia que estavam estacionados por ali. Os mirones mórbidos tinham-se juntado aos vizinhos, depois de a notícia do duplo homicídio se ter espalhado pela pequena comunidade.

Algumas máquinas fotográficas dispararam na minha direção e a seguir acenderam-se as luzes das máquinas de filmar, iluminando-me a mim e à fachada da casa. Os repórteres chamavam-me, com as câmaras a funcionar. Tal como nos velhos tempos. Tossiquei para a minha mão, para o caso de o pessoal da baixa médica estar a ver, já para não falar na minha ex-mulher.

Um polícia de uniforme veio ter comigo, vindo das traseiras. Metemo-nos num carro da Polícia Municipal de Southold e lá fomos nós. Disse-me que se chamava Bob Johnson e perguntou:

– O que é que lhe pareceu, detetive?

– Que eles foram assassinados.

– A sério? Não me diga – hesitou, mas acabou por inquirir: – Ei, acha que isto teve alguma coisa que ver com Plum Island?

– Não.

– Uma coisa lhe digo: eu já vi muitos assaltos, e isto não foi um assalto. Era suposto parecer um assalto, mas foi uma busca, está a ver? Eles estavam à procura de alguma coisa.

– Eu não vi o interior da casa.

– Micróbios – lançou-me uma olhadela. – Micróbios. Micróbios de armas biológicas. É o que eu penso. Você não acha?

Não lhe dei resposta.

– Foi isso que aconteceu à arca térmica – continuou o Johnson. – Eu ouvi o que você disse.

Mais uma vez não respondi.

– Havia provetas ou qualquer coisa assim dentro da arca. Não é? Quer dizer, valha-nos Deus, podia haver lá material suficiente para varrer Long Island do mapa... ou Nova Iorque.

Provavelmente o planeta inteiro, Bob, dependendo do tipo de micróbio que fosse e da quantidade que poderia ser cultivada a partir do material original.

Inclinei-me para o agente Johnson e agarrei-lhe o braço, para ter toda a sua atenção.

– Nem uma palavra sobre esta merda a ninguém. *Percebido?*

Ele assentiu.

Continuámos em silêncio de volta à minha casa.